

O CURSO SER E FAZER TAE: UMA ENTREVISTA COM CAMILA BAZ E SIMONE SILVA

Gustavo Cravo de Azevedo¹

Luiz Felipe de Oliveira Cavalcanti²

Fotografia: Simone Silva



Fonte: Facebook

Fotografia: Camila Baz



Fonte: Facebook

Em 2020, a UFRJ completou 100 anos. Fizemos várias comemorações e, é importante comentar, foi um ano especialmente complicado por conta do início da pandemia da Covid-19, que ceifou milhões de vidas ao redor do mundo e com fortíssimo impacto sobre a população brasileira.

Logo nos adaptamos, por necessidade, ao remoto e houve uma explosão de *lives*. A vida institucional continuou como pôde, com o forte esforço das trabalhadoras e dos trabalhadores da universidade. Nesse momento, surge a ideia de propor uma formação aos técnicos administrativos em um sentido de formação política para a vida universitária. Para a surpresa das organizadoras, a ideia é muito bem-recebida e rapidamente as inscrições lotam e é preciso repensar o tamanho do curso.

A entrevista propõe registrar essa importante, e original, iniciativa da UFRJ. A entrevista é conduzida em dois blocos. O primeiro por Gustavo Cravo e o segundo por Luiz Felipe Cavalcanti.

¹ Técnico em Assuntos Educacionais na UFRJ. Doutor em Ciências Políticas pela PUC-Rio.

² Assistente em Administração na UFRJ. Mestrando em Educação na UFRJ.

Gustavo Cravo: Camila e Simone, contem um pouco sobre a formação de vocês, a chegada de vocês na UFRJ, e o trabalho que vocês vêm desenvolvendo desde então.

Camila Baz: Simone, vai lá, você tem mais histórias para contar. (risos)

Simone Silva: Eu trabalho na universidade desde 1989. Já passei por algumas unidades. Minha primeira unidade foi o Núcleo de Computação Eletrônica (NCE). Trabalhei na operação de sistemas até descobrir que não era isso que eu poderia suportar como trabalho para uma vida inteira. Minhas atividades mudaram muito. Estive envolvida com a criação de um novo curso de graduação, o curso de Saúde Coletiva e com a transformação de uma unidade acadêmica em instituto, o antigo Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC), que ficava no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), em Instituto de Estudos de Saúde Coletiva (IESC). Isso me fez conhecer mais a fundo a estrutura administrativa da UFRJ, em particular sua administração central. Outra coisa importante foi o retorno aos estudos. Até 2005 eu tinha o ensino médio, que era um ensino médio profissionalizante em Processamento de Dados e Programação de Sistemas. Decidi buscar outra formação, fiz graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E fiz posteriormente meu mestrado e doutorado em Educação na UFRJ. Uma mudança muito grande na atividade profissional e no caminho que eu tinha definido na minha juventude como formação. Com 33 anos completos de trabalho e sem perspectiva de aposentadoria (risos) e remuneração digna, busquei pelo menos alguma dignidade e prazer na atividade laboral que desenvolvo cotidianamente.

Camila Baz: Eu entrei na UFRJ em 2006 como estudante. Fiz graduação em História, bacharelado e licenciatura, e depois voltei em 2016 como técnica-administrativa em educação. Entrei lotada na antiga Superintendência Geral de Políticas Estudantis (Superest) e pude participar do processo de criação da hoje Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR-7), onde estive como superintendente. Ao final da gestão, em meados de 2019, saí da administração central passando pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e posteriormente pela Escola de Serviço Social. Atualmente, desde janeiro de 2021, estou no Núcleo de Bioética e Ética Aplicada (Nubea), junto com Simone. Acho que é isso.

Gustavo Cravo: Em que momento e como surgiu a ideia do curso “Ser e Fazer TAE”?

Simone Silva: Vivemos um momento em 2020, onde de repente a vida profissional se desestruturou. Por acaso, Camila e eu estávamos juntas no mesmo dia, à tarde na Praia

Vermelha, em uma reunião de grupo de pesquisa, quando recebemos a informação da suspensão das atividades presenciais na UFRJ em função da necessidade de isolamento social por conta da pandemia. Dali pra adiante nossas cabeças tentavam entender como seria isso, como iríamos trabalhar. Assim criou-se uma aproximação entre pessoas. As pessoas que se envolveram com o curso já tinham algum grau de relacionamento seja na vida laboral ou nas lutas em defesa da universidade pública e dos nossos direitos. A ideia então surgiu como resposta a nossa vida funcional diante de tão exdrúxula situação. Pensamos que em juntar a obrigatoriedade das atividades remotas para manter o isolamento social necessário naquele momento e algo que, trouxesse para nós, técnicos-administrativos em educação, a reflexão sobre o nosso papel na universidade, a importância do nosso trabalho, mas também a nossa importância individual e coletiva nas estruturas universitárias.

Em uma dessas conversas online pensamos na possibilidade de fazer alguns debates, convidar pessoas para algumas discussões sobre o tema, e essa ideia avançou para um processo maior. Ao invés de uma palestra, pensamos em um curso de extensão. Durante um mês estivemos dedicados a montar o curso de acordo com os critérios administrativos exigidos e organizá-lo academicamente de forma a oferecer aos interessados uma contribuição a sua formação oferecidas por outros colegas técnicos-administrativos em educação. O objetivo do curso foi abordar, sob diversos aspectos, a necessidade da valorização do nosso trabalho e do nosso reconhecimento político. Ao mesmo tempo que isso fosse entendido como processo de formação reconhecida pela instituição. E não abrimos mão de fazer isso fosse realizada por técnicos para técnicos. Optamos por romper a lógica formal histórica e opressora da universidade, de que nós aprendemos e os docentes ensinam. Nós nos entendemos também como parte do processo formativo, também como formadores. Primeiro pensamos em um curso que tivesse cinco encontros, depois eles viraram oito, depois dez, depois treze. Foi nesse caminho que os temas foram surgindo. Sem dúvida, a pandemia interferiu profundamente. Ajudou, nos empurrou, técnicos-administrativos em educação, para essa situação. Nos empurrou a pensar em como pegar esse limão e fazer uma caipirinha. Já que estamos presos em casa obrigados a falar com os colegas de forma remota, vamos falar com todo mundo agora. E a ideia inicial de palestra para a comunidade da UFRJ se transformou em curso de extensão para todas tae's de todas as universidades públicas do país.

Camila Baz: É, acho que eu não tenho muito o que complementar. A Simone relatou bem o início disso tudo. A ideia surge a partir de uma inquietação, de conversas nossas. Todo grupo ali compartilhava uma inquietação muito grande com a conjuntura, com o afastamento. Naquele momento discutíamos muito como estava, por exemplo, a nossa participação, categoria de

técnicos-administrativos em educação, nos nossos espaços de discussão da universidade. Por exemplo, as assembleias estavam voltando a acontecer, mas muito mais esvaziadas do que costumávamos ver no presencial, o que, por si só, já era uma questão. E aí surgiu esse movimento de nos questionar o que podíamos fazer para tentar juntar pessoas e compartilhar um pouco dessa angústia, dessa inquietação. E acho que é isso que Simone falou, surge como a ideia de um único encontro, mas vai se transformando e, no fim, termina em 13 encontros.

Gustavo Cravo: Bacana. A próxima pergunta é um desdobramento dessa. Poderiam nos contar como se deu o curso em termos de carga horária e de atividades previstas etc.?

Camila Baz: Esse processo de pensar como seria a carga-horária e o funcionamento foi complexo porque ninguém tinha experiência com cursos remotos. No meu caso, em nenhum curso. Foi a primeira vez que participei de um projeto de extensão. Era uma coisa muito nova para todos, então fomos construindo, como a gente brincava lá, “trocando o pneu com o carro andando”. Foram 13 encontros com uma carga horária total de 70 horas para os cursistas. Mas o curso não estava restrito aos encontros, para além das aulas expositivas propusemos fóruns de discussões, buscamos ampliar as indicações bibliográficas e incluímos outras atividades para compor esse processo.

Simone Silva: Acho que foi isso. O que criou uma situação para nós é porque o curso era exatamente essa imagem do carro em movimento e nós trocando o pneu. Isso porque criamos o curso na nossa cabeça. Então tem esse primeiro movimento que é tentar fechar uma primeira versão de como seria, combinar o limite máximo de atividades, e começar o curso. A cada hora que nos reuníamos, surgiam ideias de que o curso poderia ter mais um encontro no qual poderíamos incluir um tema diferente, com um novo cursista. Até que paramos e pensamos: agora, como vamos fazer isso? Porque não poderia ser naquele formato que tínhamos pensado lá no início, antes de ser um curso, quando era apenas uma palestra. Precisávamos criar condições para envolver as pessoas. Então, como é que faremos isso? Apanhamos no Ambiente Virtual Acadêmico (AVA), mas aprendemos a usar esse sistema para envolver as pessoas e não ficar naquele lugar-comum. Em menos de seis meses de pandemia tínhamos um número terrível, absurdo de *lives*. Não queríamos um curso de *lives*. Queríamos fazer alguma coisa que permitisse ter uma relação com as pessoas. Criar, aprender a lidar com o AVA, aprender a ensinar as pessoas como elas iam utilizar esta ferramenta. E como é que faríamos essa interação funcionar? E como organizar as atividades dos estudantes extensionistas? Aliás, muito importante a participação deles, a avaliação que eles fizeram do curso foi de grande valia,

percebemos, com os seus relatos, como a invisibilidade de alguns de nossos postos de trabalho é tão real. Um dos estudantes disse que não tinha ideia do papel político que cumríamos na universidade. . Eles gostaram muito de conhecer a história dos técnicos-administrativos porque, em geral, para os discentes, nós somos o “pessoal da secretaria”, que pode mudar de cor, de cabelo, de sexo, de tudo, mas é só aquela pessoa ali da secretaria. E eles ficaram um pouco encantados em saber que tem uma população que trabalha dentro da universidade, que tem uma vida política, laboral, que vai muito além daquele balcão da secretaria. Sobre a definição da carga horária foi outro processo. Durante o planejamento do curso, a carga horária total subia e descia. Nossa preocupação em que o curso fosse além do horário do encontro online. Criamos então várias atividades no AVA: indicações de bibliografia e vídeos e um fórum de debate ativo que acompanhava o tema abordado no encontro daquela semana. Eu diria que foi um curso de extensão de fato, porque quem organizou e quem coordenou o curso, aprendeu e ensinou. Acho que foi uma troca em todos os sentidos.

Gustavo Cravo: Como se deu a escolha das temáticas abordadas e como vocês pensaram a distribuição dessas temáticas ao longo dos encontros?

Simone Silva: A primeira pessoa que veio na minha cabeça foi o João Eduardo Fonseca, por conta da história profissional do João que tem a ver com a história dos técnicos. Eu tenho 33 anos de universidade. Eu me relaciono muito, no trabalho, com pessoas que têm muito menos tempo que eu. Quando eu cheguei na universidade eu conheci colegas que estavam aqui há mais tempo, um deles era o João. Eles me mostraram uma história de antes da minha chegada. Eu comecei a aprender o que era a UFRJ com essas pessoas. Não a UFRJ postada, a oficial, mas a vida real do técnico-administrativo na UFRJ. E eu achava muito importante que essa nova geração tivesse contato com essas pessoas, que tivessem acesso a esta história como eu tive. Pensamos em trazer isso para o curso, mas ao mesmo tempo também trazemos gerações mais recentes que estão na universidade, e promover esta troca. Era uma tentativa de trazer conhecimentos múltiplos daquilo que o técnico-administrativo faz, o que é e como é visto na universidade. Então, no primeiro momento, pensamos: “Vamos conversar sobre a democracia na universidade. Vamos conversar sobre os conselhos, tentar trazer uma pessoa que tenha conhecimento sobre esse tema. Um conhecimento formal, alguém que já foi conselheiro, já viveu aquela vida, vamos tentar fazer assim”. O tema que foi tratado pelo Caio César Loures, sobre divulgação científica, para nós, na época em que eu entrei na universidade, não era uma possibilidade. Tentamos um casamento de conhecimentos diferentes, de gerações diferentes. E

como você faz isso? Do seu lugar. Do seu lugar de TAE. Não é um professor que está fazendo divulgação científica, é um trabalhador técnico-administrativo que está dizendo para todo mundo como se faz isso. Então, era uma mistura. A ideia inicial não era essa, mas foi avançando e sendo construída para pegar um período da universidade com a experiência dos técnicos administrativos. Misturando o passado, a história, com as novas tecnologias, as novas situações, mas sempre observando o lugar do TAE, o lugar que ele ocupa e o lugar onde ele é posto pela estrutura universitária.

Camila Baz: Eu acrescentaria só que acabamos entrando em outros meandros também. Foram surgindo, a partir da elaboração dos temas, tarefas como elencar os palestrantes, e um esforço de tentar trazer figuras do nosso dia a dia, que estão na UFRJ atuando conosco em diversos processos, mas também de tentar identificar técnicos-administrativos em educação de outras universidades que pudessem participar desse espaço e trazer suas experiências, nos dar um pouco a ideia de que existe vida além da UFRJ (risos). Uma percepção minha: acho que às vezes somos, na UFRJ, muito autocentrados: a mais antiga, a maior, a melhor, não sei o quê. Então teve um pouco essa provocação do grupo, de também tentar trazer colegas técnicos-administrativos em educação de outras universidades que pudessem contribuir para esse debate. Pegando o gancho da Simone, eu fiz História, então naturalmente tenho um ímpeto de tentar conhecer um pouco mais as trajetórias. Achei fantástico, por exemplo, assistir a aula do João, que eu não conhecia pessoalmente, mas era uma figura que já tinha ouvido falar e sabia que tinha sido nosso servidor durante um tempo. Mas é isso, não o conhecia. Achei fantástico ouvir o João porque *caiu uma ficha*. Aqueles processos em que nos damos conta de algo. *Caiu a ficha*, por exemplo, de que em algum momento da história nós não estávamos no Consuni ou nos demais conselhos deliberativos, que isso foi uma conquista a partir de muita luta da categoria. *Caiu a ficha* do nosso plano de carreira, que, por pior que seja e com todos os problemas que ele tenha, foi também uma conquista da categoria. Eu achei fantástico conseguir recuperar um pouco desse processo, de como foi a construção do que temos hoje. Nesse sentido, acho que é saudável criticar o que temos em busca de melhorias, mas, em geral, acabamos desconsiderando todo o processo que foi para chegar a esse lugar, processo do qual não fizemos parte, já chegamos com tudo pronto. Então, no meu caso, como uma técnica administrativa em educação com menos tempo de universidade, foi sensacional ter esses *insights* a partir do que foi trazido no curso. Espero que isso não tenha sido só comigo, que tenha acontecido também com outros participantes. E outra questão que buscamos, como Simone já apontou, foi elencar quem poderiam ser os nossos palestrantes tentando fazer uma composição etária. Não de idade, mas

de geração na universidade. Trazer antigos e novos, tentando, de alguma forma, aproximar essas histórias.

Gustavo Cravo: Legal. Essa conexão de passado, presente e futuro é muito bacana. Como se deu a adesão ao curso? Quem foram os/as cursistas? Vocês têm um perfil desse público?

Simone Silva: A Camila pode passar melhor esses dados. Só queria falar uma coisa primeiro, o perfil de cursistas. Foi isso que acabamos de dizer, a ideia foi contar uma história longa da experiência na universidade para além da UFRJ. Tentamos trazer gente de fora, e tentamos casar essas gerações de trabalho. Gente que está na universidade há pouco tempo, gente que chegou na universidade depois de termos cadeira no Conselho, sim pasmem, não tínhamos assento no conselho até 1996, e pessoas do passado, fizeram parte da luta que resultou na bancada dos Tae's no Consuni, Ceg e Cepeg e, mais recentemente Ceu. Essas foram as características que buscamos montar na escolha dos cursistas. Eu queria falar sobre isso e também sobre a adesão ao curso, do susto que tivemos. A equipe considerava possível que o curso tivesse 40 inscrições. Os mais otimistas consideravam possível chegar a 100.

Camila Baz: 300, no primeiro dia.

Simone Silva: 300, no primeiro dia. Eu achava que íamos dar um curso para 40 pessoas, e de repente, no primeiro dia tinha 300 inscritos. O total de inscritos quase chegou a 1000. Obviamente que todos não iam assistir o curso, mas isso significa que o total presente é muito maior que 40. Então isso foi uma surpresa, e a Camila que é nossa organizadora de levantamento dos dados, ia informando para nós não só a quantidade, mas de onde vinham essas pessoas. Alcançamos o país inteiro, além da UFRJ, estávamos em universidades do norte ao sul do país e alcançamos ainda os IFs. Isso demonstra, para mim, que aquela ideia de um grupo de técnicos que pensou em aproveitar o fato de sermos obrigados a fazer tudo remotamente e aproveitar esse limão para fazer essa caipirinha, deu certo. E tinha um pessoal querendo beber essa caipirinha. Tinha muita gente querendo discutir seu trabalho e sua vida política. A adesão ao curso foi absurdamente surpreendente para nós. Tanto do ponto de vista do número quanto da sua qualidade, sua expansão. Atingimos quase todas as principais instituições do país.

Camila Baz: Vou trazer números aqui. Mas reforço o susto que tivemos, que Simone registrou: Chegamos a conversar que precisávamos ter pelo menos umas 30, 40 pessoas inscritas para justificar o curso acontecer. Tinha essa insegurança, se teríamos público. E acho que na primeira hora de inscrição já tinha ultrapassado, e muito, nossa expectativa máxima, que era de 100 participantes. Isso foi surpreendente porque não fizemos, de imediato, uma divulgação

institucional. Nos enrolamos, íamos pedir a divulgação nos canais da Pró-Reitoria de Extensão (PR-5) e da Coordenação de Comunicação (CoordCom), mas não conseguimos fazer isso antes do dia que estava previsto iniciar a divulgação. Então, iniciamos a divulgação por nossas listas pessoais, pelos grupos de trabalho, e foi isso. No final do primeiro dia de divulgação já tínhamos mais de 300 inscritos. E nem sabíamos mais dizer se pediríamos a divulgação pelos canais institucionais, não sabíamos mais o que fazer com o curso. Gerou um problema (risos). O curso estava pensado para ser síncrono, com as pessoas dentro de uma sala, fazendo perguntas e interagindo, mas como é que faríamos isso com 300 pessoas? Esse primeiro dia foi desafiador, fez com que tivéssemos que repensar toda a estrutura proposta para a atividade. Pensamos inicialmente em um período de 15 dias de inscrição, mas tivemos que suspender rapidamente porque já tínhamos mais de 800 inscritos ao final do 3º dia. Encerramos as inscrições e os e-mails continuaram chegando. E como tivemos alguma dificuldade de dizer “não”, esse número subiu um pouquinho mais. Entraram mais umas 15, 20 pessoas nesse “pós-inscrição”. Quando fechamos mesmo o processo nos deparamos com 891 inscritos. Tivemos 69 instituições de ensino federais representadas e também 40 instituições estaduais. Esta foi uma outra questão que surgiu durante a inscrição: tínhamos pré-definido que nosso público-alvo seria exclusivamente técnicos-administrativos em educação das IFES, e na primeira hora de inscrição, já tínhamos servidores do CEFET, do Pedro II, da UERJ, dos IFs. Então essa foi outra questão em que paramos, conversamos, e resolvemos acolher todas as inscrições. Com isso, tivemos as 5 regiões do Brasil representadas nas inscrições no curso, o que foi muito legal. A 2ª região com maior representação foi o Nordeste. Geralmente é esse eixo Sul-Sudeste que predomina, então alcançar uma boa representatividade das instituições do Nordeste foi fantástico. Em relação ao perfil dos inscritos, vou trazer em percentual. Tivemos grande parte dos inscritos (54%) de cargos de nível E e 28% de cargos de nível D. O perfil de inscritos no curso reflete as mudanças na nossa composição dos servidores em comparação com tempos anteriores, cargos de nível A, B e C praticamente não constavam entre os inscritos aqui no curso. Tivemos 60 pessoas de cargos de nível C, 2 de cargos de nível B e nenhuma de cargos de nível A. Por quê? Porque hoje, infelizmente, os cargos de nível A e B estão extintos nas universidades. Em relação ao tempo no serviço público, grande parte dos inscritos (44%) estão entre 4 e 10 anos no serviço público, são servidores com ingresso recente. Sobre escolaridade, grande parte dos inscritos já tem nível superior: 6% com doutorado completo e 7% com doutorado incompleto, 24% com mestrado e 33% com especialização. Também tivemos uma representação feminina bem impactante, 71% de mulheres. Em relação à faixa etária, grande parte dos inscritos, 47%, tem entre 30 e 40 anos. E foram 44% de inscritos negros ou pardos,

número muito baixo se pensarmos no retrato da população nacional, mas que também diz sobre o retrato do serviço público no país e evidencia o quanto ainda é preciso avançar na inclusão. São esses os principais dados, não sei se poderia trazer mais alguma coisa. Se quiserem algum outro dado em específico, podem entrar em contato conosco.

Gustavo Cravo: Quais foram os desafios de organizar e realizar um curso integralmente virtual? Houve problemas que vocês enfrentaram e que o público desconheceu?

Camila Baz: Quase todos. (risos)

Simone Silva: Trabalhar online foi uma experiência. Nós, os loucos, resolvemos em 1 mês falar com o país inteiro online. Era certo que ia dar alguma coisa errada, porque não tínhamos nenhuma experiência, estávamos aprendendo a fazer isso. Eu e Camila não dormimos no dia anterior. E ainda resolvemos começar com o João Eduardo, que não estava no Rio, e que é uma pessoa das antigas assim como eu. Ou seja, poderia ter dificuldade. Nos falamos a cada meia hora no primeiro dia para acompanhar tudo e imaginando tudo que poderia acontecer de ruim e o curso não começar. Quando acabou a primeira aula, tivemos o primeiro encontro e percebemos o quão tensos estivemos o tempo todo. E começava outro desafio: a etapa de usar o AVA. Nós tínhamos que usar sem saber, e ainda ensinar para as pessoas como elas deviam fazer. O primeiro mês, eu diria que foi assim, um nível de tensão super alto, porque quando você está em uma sala de aula e comete algum erro, quando dá algum problema, você está entre os alunos. Quando você está em uma tela, dando um curso para 300, 400 - chegou a ter 500 pessoas online ao vivo - corre o risco de derrubar o curso, por exemplo, ou do palestrante estar falando, e isso aconteceu, e ele não consegue se manter online. Ou estamos eu e Camila abrindo o curso e de repente uma de nós cai. Isso acontecia o tempo inteiro. Nossa surpresa é que as pessoas não perceberam o que estava acontecendo. Acharam que estávamos muito seguras. Conseguimos passar segurança. Mas, na vida real, aconteceram muitos problemas no AVA, na transmissão. Eu acho que hoje não teríamos alguns destes problemas, porque já passamos e aprendemos, mas foi tudo muito novo para todo mundo. Os loucos tiveram a ideia, botaram outros loucos na furada. As pessoas aceitaram dar aula. Passava nas cabeças de algumas pessoas “ah, vou lá”. Mas é online, sua internet vai sustentar? Não tínhamos como ajudar, porque não estamos perto. Foi tudo muito novo, foram muitos desafios. Eu, que não sou uma pessoa afeita às tecnologias, sofria muito vendo aquilo, sabendo que não ia poder ajudar. Nesse sentido, nossos estudantes foram um ponto de apoio muito positivo. Alguns foram fundamentais para as coisas funcionarem bem.

Camila Baz: Estava tentando lembrar aqui dos principais problemas que tivemos, acho que foi isso mesmo. Logo depois do período da inscrição, no momento de todo mundo entrar no AVA, o ambiente virtual do curso, encontramos uma dificuldade muito grande. Pelo menos metade dos nossos cursistas não recebeu o e-mail do AVA. Descobrimos depois que parte dos servidores de e-mail, por algum motivo técnico, estava bloqueando as mensagens do AVA. Então não era nem o esquema da mensagem ir para a caixa de SPAM, como o servidor bloqueava, não recebiam mesmo. O pessoal não entrava no AVA e não conseguíamos entender o porquê. Mandamos diversas vezes o e-mail pedindo para os cursistas para fazerem o primeiro acesso, mas eles não recebiam. E isso gerou uma demanda absurda de mensagens de e-mail com dúvidas. Antes mesmo do curso começar, antes de ter a primeira aula enfrentamos esse desafio. Nesse sentido, a equipe do NCE nos ajudou absurdamente. Foram super-rápidos nos retornos, tanto para Simone que estava em contato direto com eles, quanto com os próprios cursistas. Acho que esse foi o primeiro desafio. E claro, tinha mais uma série de inseguranças, por exemplo: será que a conexão do rapaz (ou da moça) vai segurar? Se cair, eu que estou ali na mediação de grande parte das aulas, faço o que? O que eu falo? E aconteceu, mas deu tudo certo. Então dificuldades tiveram muitas ao longo do curso, mas tentamos ao máximo manter um canal de comunicação que fosse rápido ao retorno das mensagens e tentando, mesmo quando a gente não sabia como responder as questões, ao menos dar um retorno no sentido de “vou procurar, ainda não sei responder, mas vamos resolver”. E acho que isso ajudou muito. As vezes até mandavam e-mails com um tom mais ríspido, tipo “não estou conseguindo, não aguento mais”, e a gente respondia prontamente, no mesmo dia ou o mais rápido que fosse possível, tenho a impressão de que isso gerou uma compreensão muito grande dos estudantes. Outro elemento complexo no início foi a forma de controle de participação. Já que estouraram as inscrições e que o curso não seria síncrono da forma que pensamos, como fazer? Isso foi algo que tivemos que ir construindo já no início do curso, e a cada aula dávamos novos informes: “vamos fazer assim, façam dessa forma”. E sempre que surgia alguma dificuldade, a gente colocava para todos: “Estamos com problemas, mas vamos resolver”. Acho que isso gerou uma certa compreensão do público. No final, nos agradecimentos, foi como se não tivessem existido problemas durante o curso. A avaliação foi muito nesse lugar, e foi uma surpresa porque, para nós, todas as dificuldades ao longo do processo estavam muito mais gritantes do que foram efetivamente.

Simone Silva: Só queria acrescentar uma coisa. Acho que é um reconhecimento que precisamos fazer. Quando resolvemos fazer o curso, a ideia da coordenação era que eu e Camila estivéssemos a frente. Eu comecei a ter muitos problemas no meu trabalho. Abrimos o curso

no dia 9 de setembro, eu e Camila juntas. E a partir daí eu comecei a ter problemas para estar no dia do curso, na apresentação, no acompanhamento do curso. E nós combinamos que, nessa primeira metade do curso ela ficaria responsável, e na outra metade (que começava imediatamente após a minha aula), eu passaria a assumir a apresentação sozinha, enfim criamos uma espécie de revezamento. Só que nesse processo, junto com todos os outros problemas causados pelo trabalho remoto, excesso de trabalho, problemas na família, eu fiquei muito doente, tive que me afastar completamente do curso. Então além de todos os problemas, de trocar o pneu do carro em movimento, alguém que estava ajudando a trocar o pneu foi embora no meio do processo, e a Camila teve que assumir a coordenação sozinha junto com a equipe. Aquela coordenação que era de duas pessoas ficou com ela. E eu não voltei mais, porque só fui sair do hospital às vésperas do curso ser finalizado. Ainda estava em recuperação, não pude mais voltar. Isso também foi um dos problemas que ninguém soube. De repente a Camila teve que se virar sozinha.

Camila Baz: Verdade. Combinamos de dividir, mas no primeiro entrar juntas, exatamente para ter a figura ali das duas, já que seria um revezamento. E eu estava em pânico, não gosto dessas aparições públicas, de falas públicas. Pensar que o curso ia ficar gravado ainda por cima, me dava um desespero mesmo, tive que trabalhar isso. O que eu posso dizer é que o resultado foi positivo, está mais fácil fazer essas aparições. (risos). Ainda não é tranquilo, mas já está mais fácil. No mais, acho que o adoecimento de Simone talvez tenha sido o nosso grande desafio ao longo do curso. Além das questões práticas, existia toda uma preocupação nossa, do grupo. Ficamos emocionalmente abalados com a situação. Emocionalmente abalados, mas também era preciso seguir com a vida. O curso tinha que andar.

Simone Silva: Isso foi o mais importante para mim. Sabia que estava contando com o apoio de todo mundo, que eles não pararam o curso. Dependendo de como as pessoas reagissem, o curso não iria continuar. Não por minha falta, mas pelo abalo emocional, porque foi grave a situação. Eu estava do outro lado, estava vivendo a gravidade. E foi uma coisa muito de repente. O combinado era isso: eu daria aula na quarta-feira, a partir da outra quarta, todas as apresentações seriam minhas. E a Camila ia ter um momento de folga. Eu dou aula na quarta-feira e na segunda-feira da semana seguinte eu estava internada. Eles ficam sabendo por que alguém ligou para avisar. Porque eu já fui para o CTI, fiquei incomunicável. E eu não sabia o que estava acontecendo. E quando eu consigo voltar à vida normal, recebo as informações de que as coisas continuaram. Foi bom para mim. Se o curso se perdesse naquele momento seria muito triste para mim. Mas, a situação que se conformou foi que Camila ficou lá, viveu essa fase e sobreviveu e manteve o curso de pé. Os demais membros da equipe chegaram junto. Acho que

assim, tem um reconhecimento ao papel que a Camila cumpriu justamente por isso. Porque poderia ter sido “estou muito abalada, não vou conseguir dar conta”. Não só deu conta como as coisas funcionaram sem que as pessoas percebessem que uma das coordenadoras estava fora de qualquer possibilidade de ajuda. As coisas continuaram.

Luiz Felipe: Como que a gente pode acessar a posteriori o material produzido durante o curso?

Camila Baz: Todas as aulas foram transmitidas via *Youtube*, mas inicialmente a gravação não ficava disponível no canal, apenas no ambiente virtual do curso. Essa era uma pendência nossa, mas já foi resolvida. (risos). Achemos importante disponibilizar esse conteúdo para que outras pessoas possam ter acesso, e para que quem viu, na época, possa rever. A lista com todas as aulas do curso está disponível no canal Nubea UFRJ no youtube (Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PLij3-a5jzY6Nva3TYJI8-vIOx5Rr_4nUo)

Luiz Felipe: Além disso, uma coisa que ficou bem explícita ao longo do curso, não só pelas temáticas, mas pela forma com que elas foram abordadas ao longo dos encontros, nos materiais disponibilizados, é que o curso trabalhava na perspectiva de contribuir na formação política dos TAEs. Vocês acham que falta espaço para o técnico fazer esse tipo de formação, entender melhor como se dão essas relações políticas? Qual a percepção de vocês nesse sentido?

Camila Baz: O curso surge também de uma sensação de ausência de espaços de discussão sobre nossa carreira, nossa atuação, nossas mazelas institucionais. Era uma percepção nossa, de 5 indivíduos. Não sabíamos se, de alguma forma, refletiam a realidade. Mas acho que só esse *boom* de inscrições já no primeiro dia já evidenciava que a nossa sensação de ausência desse tipo de espaço refletia a realidade não só da UFRJ, mas de todas as instituições de ensino superior brasileiras, o que foi nossa grande surpresa. Acho que estamos muito acostumados, falando da minha experiência enquanto servidora da UFRJ, é claro, a ter uma oferta razoável de cursos, mas todos muito específicos. Por exemplo, se eu quero aperfeiçoar meus conhecimentos sobre um editor de planilhas eletrônicas, entro lá na oferta de cursos da minha Pró-Reitoria e geralmente tem um cursinho sobre o tema. Mas efetivamente existem poucos espaços para discutir sobre a nossa atuação política e o nosso papel na universidade, sobre o que é nossa carreira e como podemos nos apropriar dos nossos espaços, sobre a necessidade de

uma organização mais democrática da universidade ou sobre o que é e até onde vai a autonomia universitária. Não que cursos de capacitação mais específicos não tenham seu espaço, eles são importantes sim, mas não só. Essa experiência mostra isso: existe espaço para esse tipo de construção que propusemos e existe muita demanda para que elas aconteçam. De resultado do curso, como um saldo muito positivo, seria interessante que a experiência fosse replicada em outras universidades. Que outras pessoas possam fazer esse movimento em suas universidades, já que ficou claro existir a demanda. Precisamos começar a criar a cultura de ter esse tipo de discussão nos nossos espaços de trabalho.

Simone Silva: Continuando de onde a Camila parou, eu acho que a visão era exatamente essa, e eu queria, nesse sentido, pensar em ampliar o curso para outras instituições. Acho que temos uma tarefa muito importante como trabalhadores de um lugar de formação que é atuar contra uma hegemonia ideológica que leva à situação que estamos hoje. A Camila falou uma coisa lá atrás sobre como é interessante entender que não tínhamos um lugar no Conselho e que conseguimos isso com muita pressão nossa. E não foi só isso. Muitas outras coisas aconteceram antes de uma boa parcela dos trabalhadores na universidade estarem na universidade hoje que foi fruto de uma reação de uma categoria que lutou para ter representação política dentro da universidade, reconhecimento do seu trabalho. E é interessante quando a Camila fala dos dados da composição do curso e fala da quantidade de servidores que têm doutorado, que têm mestrado e que tem nível superior. Como eu falei, eu tenho 33 anos de universidade. Quando eu entrei, esse quadro não existia. Conseguimos hoje ter um quadro na universidade de técnicos administrativos onde vários deles têm a formação equiparada com docentes. Isso não existia no passado. A maioria dos técnico-administrativos eram trabalhadores de nível C e D. Nível E era pouquíssimo. Agora você tem uma quantidade grande e com formação em pós-graduação. Conseguimos avançar nesse sentido, isso também tem a ver com a nossa luta. Tem a ver com nosso plano de carreira, que foi parte da luta dos técnicos-administrativos. Se a gente consegue combinar essa luta do passado, a história dessas pessoas que não tinham atingido ainda a formação acadêmica que a própria universidade oferece e o entendimento político do papel que ele tem na universidade, a gente pode dar saltos muito importantes. Podemos atuar contra essa hegemonia que continua dizendo que nós somos subalternos. Porque isso interessa ao grande capital, isso interessa aos que querem desmontar o serviço público. Porque para além de servidora, e eu tenho muito orgulho disso, eu sou uma trabalhadora da educação. De um lugar que produz um conhecimento que pode disputar, apesar de tudo, a ideologia. Temos uma universidade ainda com muitos problemas, mas nesse ataque à ciência, nesse ataque ao conhecimento que estamos vivendo hoje, a universidade está resistindo, apesar de não ter

dinheiro, de não haver respeito pelas instituições federais. Continuamos resistindo. Por quê? Porque é um espaço de constituição da ciência. Como a gente vai, dentro desse lugar, se apropriar disso também? Eu acho que essa é a grande sacada do curso. Nossa intenção é: “Quem é você aqui?”. Eu não sou simplesmente uma pessoa que estou na portaria, porteiro do prédio. Eu sou parte do processo formativo que essa universidade constrói. Desde quando eu recebo o estudante na porta da universidade até o professor que dá aula, todo mundo constrói isso, eu sou parte desse processo. Eu sou parte disso do ponto de vista político, e do ponto de vista profissional. Eu preciso reconhecer, preciso lutar contra essa ideia da subalternidade. Isso a gente viu refletido em muitas falas dos nossos técnicos que estavam no curso. Dizendo quanto eles sofrem, porque apesar de terem a formação, essa formação não é reconhecida na prática. Conseguimos esse reconhecimento da titulação no contracheque. Entra como incentivo à qualificação, mas no meu trabalho, eu continuo fazendo a mesma coisa. Como é que pode que eu tenha uma formação X e que ela não pode ser utilizada pela universidade até o seu limite? Abrimos a porta para começar a pensar sobre isso. Como a gente reage sobre essa pauta? Como que impomos essa relação contra essa ideologia de que somos marajás, que somos barnabés, e agora que nós somos também parasitas. Sempre, em comum, um ataque à nossa condição.

Luiz Felipe: Vocês acham que a gente tem espaço suficiente de formação política na universidade? E os que estão disponíveis, vocês acham que são adequadamente e efetivamente ocupados por nós?

Camila Baz: Eu comecei a resposta anterior falando um pouco disso. No grupo, o que existia de forma muito consensuada era a percepção da insuficiência de espaços. E também da nossa não ocupação dos espaços existentes. Aqui estou falando de conselhos, congregações, e das próprias assembleias do movimento sindical. O curso todo nasce dessa percepção e da compreensão de que precisamos construir cada vez mais espaços desse tipo, além de fortalecer os que já existem.

Simone Silva: Eu acho que tem isso que a Camila está falando. E existe uma questão que é fundamental que a gente tenha isso como uma luta de novo, que é nossa representação dentro da universidade sem subalternidade. Ou seja, porque eu sou servidora, como um docente, mas a minha representação é infinitamente menor nos conselhos? E isso embora a categoria dos técnicos seja duas vezes maior em número, no caso da UFRJ. Eu não sei se vamos mudar isso facilmente. Estou há 30 anos na universidade tentando mudar, não consegui. Precisamos fazer nossos colegas técnicos e nossos colegas docentes refletirem como isso é absurdo. Como que

temos uma composição na universidade, que produz o conhecimento na universidade, e tem uma representação diferenciada, porque alguém definiu que o meu trabalho vale menos que o de um docente. É a mesma relação com o discente. Poderíamos estar discutindo isso também. Mas não é o caso. Porque estamos discutindo o curso dos técnicos. Mas a universidade só existe por causa deles, dos discentes. Para alguns, não é bem assim. Porque tem gente que acha que podemos vender serviço e funcionar assim. Mas a universidade que eu conheço como a universidade pública só existe porque tem estudante. Se não tiver estudante, eu não tenho por que trabalhar. Eu que não trabalho com prestação de serviços aos setores privados, com vendas, ou fazendo consultoria privada. Não existe universidade para mim se não tiver estudante. E além disso, tem o fato dos técnicos e os docentes que são tratados de forma diferente, embora construam a mesma instituição. Acho que isso é uma questão. Assim como a Camila falou, nós não estávamos no Conselho antes, a gente precisava ocupar. Todos os técnicos sabem que a nossa representação foi reduzida? Que a gente já teve mais conselheiros. Eu fui da primeira bancada. Éramos cerca de doze. Posso dar esse número para vocês depois. Mas esse número foi reduzido posteriormente mesmo já sendo muito menor que a representação docente. Isso se aplica para todos as instâncias de poder. Quem toca a vida cotidiana da universidade? Do ponto de vista administrativo, é uma parcela que não é reconhecida na universidade. E que, em muitas vezes inclusive, é tratada assim por parte de alguns docentes “ah, eu posso fazer o serviço dele”. Não, não pode a menos que tenha formação e conhecimento que o serviço impõe. Isso se aplica a toda a comunidade. Esse respeito pelo trabalho, a gente precisa ter tanto pelos docentes quanto os docentes precisam ter por nós. E a nossa representação sindical também tem que entender e significar isso.

Eu gostaria de fazer um comentário sobre a nossa organização sindical. Independente de que está a sua frente neste momento, eu gostaria de demarcar a importância que esse instrumento tem na nossa vida, na nossa história. As histórias de vitória na nossa vida laboral têm a ver com organização sindical. Quando cheguei por aqui após tomar posse era mandatório ir até a sede da associação para se sindicalizar. Isso tem mudado de que não é possível obter vitórias no coletivo, de que os vitoriosos andam sozinhos. O sindicato nada mais é do que o lugar de organização da luta coletiva. Então, penso que a gente precisa superar disputas secundárias, para tentar transformar de novo esse aparato, esse instrumento, em elemento fundamental para organização da luta por direitos, pelo reconhecimento do nosso trabalho e que essa reconhecimento seja baseado em condições dignas de trabalho e em melhores salários. Mas, antes de tudo como instrumento de disputa ideológica contra a hegemonia neoliberal que tenta nos separar, quebrar a coletividade. Os neoliberais sabem que somos mais fortes unidos. E nós

temos de saber que se há vitórias, a gente só vai ver que conseguimos isso porque nos juntamos, e esse espaço de junção se chama sindicato.

Luiz Felipe: Vocês acham que cursos como o que vocês organizaram e coordenaram podem ser aplicados em outro IFES, mantendo essa pegada de debate de maneira profunda do que é essa fazer e ser TAE?

Simone Silva: Não sei o que pensa a Camila, mas a gente dá consultoria. (risos). Podemos ensinar o que aprendemos. Como eu falei, eu acho que temos que criar espaços de disputa da ideologia, como a hegemonia dessa ideia de que a gente é subalterno, que nosso trabalho é secundário. Precisamos atuar junto à sociedade para convencer as pessoas que a PECn°32/2020 não ataca o servidor público. Ataca o serviço público e a população. Mas, para isso precisamos estar convencidos. É muito absurdo que algum técnico-administrativo em educação diga que “realmente, essa reforma não me atinge”. É não entender o que está acontecendo. Porque ela atinge diretamente a vida do trabalhador. Então precisamos superar essa hegemonia. O curso mostrou que pode ajudar nesse sentido. E podemos conversar com quem estiver interessado, contar nossa experiência. A experiência do primeiro faz com que a gente repense algumas questões. Mas acho que a experiência das regiões seria excelente também. Como disse a Camila, nós somos um pouco autocentrados. A UFRJ é uma universidade de ponta, uma universidade de excelência, nós estamos no Sudeste. Então a relação de produção de pesquisa é diferenciada. Se formos levantar o financiamento do CNPq nas regiões, a gente vai ver que há uma diferença muito grande. E isso implica no trabalho. Essas experiências seriam bem bacanas para conhecermos também o que é o país inteiro, o que é o nosso trabalho em outras instituições. Eu fico imaginando o que é um técnico-administrativo trabalhando no Amazonas. Como deve ser interessante trocar experiências e mostrar como é trabalhar na Universidade Federal do Rio de Janeiro com essa ‘excelência’ toda. Porque as pessoas pensam que você trabalha em um lugar onde todas as tecnologias estão à sua disposição. Ninguém deve imaginar que sexta-feira os sistemas da UFRJ vão ficar fora do ar para manutenção. Não deve passar pela cabeça deles que volta e meia o SIGA fica fora do ar, que no momento em que todos precisam usar como momento de inscrição em disciplina ele não funciona direito pela sobrecarga. Então a gente precisa contar.

Camila Baz: Falamos em uma das aulas que estamos à disposição para auxiliar ao máximo outros TAEs que queiram repetir essa experiência em suas universidades. É interessante que não temos controle sobre o que foi feito a partir do fim do curso. Não sabemos se a ideia do

curso foi replicada em outra instituição, e talvez nunca saibamos. Mas ao longo do curso, tivemos sinalizações muito interessantes nesse sentido. Um dos inscritos estava ali sempre provocando no sentido de fazer um fórum nacional. As mensagens que ele postava durante as aulas eram sempre nessa direção: vamos aproveitar isso aqui, construir um fórum! Parece que a sensação de que algo pode ser feito ficou, acho que isso já é um ganho. E, no final, tivemos alguns movimentos, não no sentido de cursos, mas de inscritos pedindo, por exemplo, uma bibliografia mais específica para fazer alguma discussão em suas instituições. Acho que conseguimos, em alguma medida, fazer a provocação.

Simone Silva: Seria muito legal se a gente tivesse um por região esse ano, pelo menos.

Camila Baz: Já mais para o final do curso também tivemos pelo menos 3 e-mails de participantes que entraram em contato pedindo declaração de que estavam participando do curso. Disseram que o curso os motivou a tentar seleção para mestrado e doutorado. Que me lembre agora foram três, mas talvez tenham sido até mais. Eu acho que isso é também uma evidência de que algum movimento aconteceu.

Simone Silva: As pessoas não passaram incólumes pelo curso.

Luiz Felipe: Vocês pensam em uma segunda turma do curso?

Camila Baz: Pensamos. Não só pensamos como já temos algum movimento nesse sentido. O curso acabou efetivamente em janeiro de 2021. As aulas encerraram em dezembro, mas ainda tivemos um período para a entrega da avaliação final. É importante dizer isso, que aí encerrou para fora, mas que continuamos às voltas com o curso. Durante a leitura das avaliações que foram enviadas, já começamos uma conversa sobre uma possível segunda edição. A ideia inicial era fazer nesse primeiro semestre que passou, mas por questões pessoais do grupo, todos muito sugados por suas demandas pessoais, não foi possível avançar e decidimos jogar para o segundo semestre. E, em algum momento, reavaliamos e vimos que o mais sensato seria fazer no ano que vem, em 2023. Mas existe o movimento. Não só a intenção, já temos uma proposta pré-esboçada.

Simone Silva: O que aconteceu para mim foi: eu volto do meu problema de saúde depois de 2 meses, em janeiro de 2021, quando o curso já acabou e estamos recebendo os textos para avaliar. Eu ainda estava em recuperação, mas a sensação que eu tive é que poderíamos começar o curso já no dia seguinte. Os resultados do curso foram tão empolgantes. É uma experiência que eu vivi nesses 33 anos de universidade que foi muito gratificante. É gratificante constatar que aquela sensação que tivemos, da necessidade de discutir esses temas, não era um problema

nosso. Não era uma questão nossa, era uma questão da nossa categoria, dos nossos colegas. As pessoas estavam a fim de conversar sobre isso, queriam um lugar para fazer isso. E cinco malucos resolveram fazer isso. E apareceu um monte de gente querendo conversar sobre isso. Aquele primeiro curso foi improvisado porque a gente foi construindo no processo. Quando lemos as avaliações, dava vontade de rir. Porque os estudantes estavam pensando que estava tudo dando certo e nós estávamos nos bastidores nos virando para sustentar aquilo. As pessoas ficaram felizes de terem participado, de terem debatido esses temas. Eu estava me recuperando e preparei uma proposta para começarmos no primeiro semestre. E acho que foi caindo a ficha de que as coisas têm que ser com mais calma, até porque a gente está vivendo um conjunto de questões por conta dessa pandemia que são novas para todos nós. Isso interfere na saúde mental das pessoas. Precisamos ir com calma, organizar bem, e tentar pensar nessa segunda edição que vai acontecer, com certeza. Mas ela precisa ser a continuidade daquela primeira, no sentido de que tem que avançar. Precisamos pensar assim: atingimos até um determinado ponto, agora o que mais precisamos? O que mais queremos? O que esse curso nos apontou? Pensamos em tudo, em fazer em dois formatos, em dois módulos. Já começamos a pensar em um monte de coisas, só não colocamos em prática porque resolvemos dar um respiro para darmos uma cuidada da saúde mental, e também dos outros projetos individuais. Eu já terminei meu doutorado, mas o Felipe está fazendo mestrado. Camila está entrando no mestrado. Esse curso toma muito tempo. Ele exige muito da gente. Não é uma *live*. A gente não queria que fosse assim. Mas isso significa que dá muito trabalho.

Luiz Felipe e Gustavo Cravo: Alguns temas muito importantes para a expansão da democracia como pauta feminina, pessoas LGBTI, negras e negros, apareceram no curso. Como foi a recepção?

Simone Silva: Propor encontros que discutissem os temas, tanto do LGBTQI+ quanto da questão de gênero e raça, isso para mim já é uma mudança radical na composição dos técnicos-administrativos. Eu convivi durante muitos anos com piadinhas, que até hoje existem. Mas hoje a universidade é um outro lugar, eu digo para vocês. Trinta anos atrás, quem não fizesse piadinha é que estava errado. O legal da brincadeira era fazer a discriminação como diversão. De repente, a gente faz, põe no curso e as pessoas estão lá envolvidíssimas com o tema. Gostaram que a gente colocasse os temas. Debatessem os temas. Inclusive nos levou a pensar que não pode ser o mesmo dia para discutir dois temas. Tem que ser um tema só por dia. E houve um rápido ataque robô no debate LGBTQI+. E, para pensarmos: que robô é esse? Porque

esse mundo é um mundo onde as pessoas faziam as coisas às claras. Hoje, talvez, as pessoas se utilizam do robô para fazer a provocação, a discriminação, para exercer o seu papel do preconceito, que são as coisas que a gente está vendo por aí. Mas eu minimizo essa questão e fico muito feliz de ver como as pessoas participaram animadas do tema. Isso mostra como estamos ainda a passos longos de chegar a uma sociedade em que a gente se relacione com as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas deveriam ser. Acho que falta muito para chegarmos nesse lugar, mas a gente está caminhando. Porque é contraditório que a universidade ainda seja um lugar em que exista isso. É bem contraditório. Quando eu entrei nessa universidade, eu só encontrava mulheres pretas como eu, principalmente no Hospital Universitário (HU). Nem técnica-administrativa em educação de secretaria acadêmica era negra. Por que no HU? Porque historicamente os negros são cuidadores. Os negros são técnicos de enfermagem, são os maqueiros. E hoje temos outra situação na composição da universidade. Ainda que em pequena escala, mas hoje temos professores negros e negras hoje. A gente conseguiu abrir uma frestinha da porta entre os docentes. Entre os técnicos isso avançou bastante. E a universidade mudou de cor, olhando os alunos. Eu, negra, atendia brancos o tempo inteiro. No CCNN, onde eu comecei a trabalhar, não tinha estudantes negros fazendo Informática, Matemática, Biologia, Geografia. Não existia. Hoje tem. Ainda não representa de fato a nossa sociedade. Mas as políticas de cotas abriram algumas portas. A gente precisa só convencer a universidade que a gente não precisa de cotas que as cotas não são um favor. A universidade precisa nos incluir para a saúde dela. Para que a universidade possa produzir conhecimento para uma sociedade de verdade, que seja real. Que ela possa representar o conjunto, não uma parcela, como ela sempre fez. Precisamos oferecer políticas de reparação. Tudo isso é verdade. Mas quando eu penso na universidade, não sou eu, negra, que preciso da vaga. É a universidade que precisa que eu esteja lá. É isso que a universidade e nós que compomos a comunidade universitária precisa entender. E eu acho que a gente avançou nesse sentido, sem dúvida o curso contribui nesse debate.

Camila Baz: Acho que questão do robô não teve grande relevância porque estávamos preparados para isso acontecer desde o início do curso. Sempre tinha uma equipe de extensionistas durante as aulas ali com a gente, atuando nas carrapetas. E acho que em todos os encontros começamos a conversa com eles exatamente por esse alerta: ficar de olho no chat e se aparecer alguma coisa muito estranha primeiro bloqueia, depois reavalia se deve manter bloqueado. E foi isso que aconteceu. O robô apareceu especificamente na aula que ia discutir LGBTQIA+, isso diz muita coisa. Mas foi rápido, os extensionistas fizeram o combinado: já bloquearam assim que apareceu a primeira mensagem ofensiva. E aí acabou, não teve nem

repercussão no chat. Os próprios cursistas ignoraram aquilo, o que achei ótimo. Foi o único episódio que tivemos. Pela conjuntura, sempre estávamos muito alertas e atentos para não dar espaço para isso no momento que acontecesse. O espaço que devem ter é exatamente esse: nenhum.

Simone Silva: Se não era robô, percebeu que não tinha espaço.

Luiz Felipe e Gustavo Cravo: Vocês poderiam falar um pouco sobre o Blog Papo de TAE?

Camila Baz: Eu estava pensando nisso mesmo, perfeito. Acho que o blog surge como consequência da nossa empolgação com o resultado que o curso vinha tendo. Foi criado ali no início/meio do curso e é mais um movimento que diz da nossa percepção de ausência desse tipo de espaço, e uma tentativa de “fazer alguma coisa para mudar isso”. Tem sido uma experiência legal. Acho que não conseguimos ainda imprimir, ali, o ritmo de publicações que tínhamos pensado idealmente lá no início. Mas está no ar, e sempre recebendo contribuições. Também queremos aproveitar esse espaço do Blog para publicar alguns dos trabalhos que foram recebidos ao fim do curso. Uma forma de continuar esse movimento de provocar mesmo. O blog nasce como um espaço de discussão, de técnicos e para técnicos, sobre nosso trabalho e atuação nas instituições de ensino públicas, a proposta segue a mesma linha do curso, que é a que nos move.

Luiz Felipe e Gustavo Cravo: Agradecemos muito a entrevista. Foi um bate-papo muito proveitoso. Por último, vocês gostariam de apresentar mais alguma coisa antes de encerrar?

Simone Silva: Para falar do curso e dessa experiência, a gente poderia ficar uma tarde inteira, tomando um café, um vinho, uma cerveja, batendo um papo bem bacana. Depois dessa conversa, fico pensando se a gente precisa reunir o pessoal que pensou o curso lá atrás, voltar a se encontrar. Essa conversa aqui está provocando muitas coisas. Como vamos colocar o segundo curso na rua? Como é que vamos dar um gás lá no blog? Acho que a gente vai ter que conversar daqui há pouco sobre isso. Vocês perceberam o carinho com o curso e com o resultado do curso que eu e Camila temos. Mas eu tenho uma preocupação, e eu acredito que a Camila também tenha que é: isso que foi tão positivo, não pode ser perdido. Precisamos dar continuidade nessa história. Andamos muitos passos com o curso, e ainda temos muitos passos para dar. Então, sobre a segunda edição do curso, ainda temos muita coisa para pensar. Nós

vamos fazer? Vai ser como? Por que o blog ainda não atingiu o que a gente queria que ele atingisse? O que falta fazer? Vamos fazer a segunda edição porque a gente já diagnosticou algo importante, e o curso confirmou nosso diagnóstico. Os técnicos não têm um espaço para produzir, para discutir a sua elaboração política e laboral. Isso não existe nas universidades e o curso comprovou isso. Então como é que a gente dá continuidade? Como é que a gente vai provocar isso nas pessoas? “Cada um pense no seu local”: como é que é possível? Não é só a representação no Conselho, mas no seu ambiente de trabalho. Você está sendo respeitado como um trabalhador? Você está exercendo o papel político que você tem como um servidor público da educação? Precisamos pensar em como é que vamos continuar cotidianamente ajudando a provocar isso na universidade, nos nossos técnicos, nos nossos colegas de trabalho. E por fim, agradecer a vocês por proporcionarem a possibilidade de eternizarmos esta experiência nesta revista, na história desta universidade. Muito obrigada.